Revista Brasileira de
Filosofia da Religião
ISSN 2358-8284
ABFR

MEDIDA DA TERRA E MEDIDA DO CÉU: REFLEXÕES HEIDEGGERIANAS SOBRE HÖLDERLIN

MEASURE FROM EARTH AND MEASURE FROM SKY: HEIDEGGERIAN REFLECTIONS ON HÖLDERLIN

LUÍS FERNANDO CRESPO(*)

(*)Doutor em Filosofia pela PUC-SP, Bacharel em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas e Mestre em Filosofia (Ética) pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, com especialização em EaD pelo Centro Universitário Uniseb Interativo. Atualmente, é professor na Universidade Brasil (antiga Unicastelo) e na Faculdade Anhanguera de Sumaré.

e-mail: crespo.lf@gmail.com

Resumo

O artigo propõe, de maneira geral, pensar o modo como se dá a relação do homem com a realidade (as coisas e deus), tomando por base a reflexão heideggeriana. De modo específico, o texto busca apresentar uma relação de contraposição entre duas maneiras de se falar do mundo: a científica e a poética. O objetivo central é o de enxergar a importância do poético para que o homem repense seu modo de estar no mundo. Para atingir o objetivo, o caminho a seguir é o de entender a opção de Heidegger por Hölderlin e sua poesia. Na escolha de um trecho da poesia *In lieblicher Bläue*, toma-se o conceito que será basilar para a reflexão: a medida. São pensadas as medidas científica e poética, tentando verificar de que modo se dá o aparecer do mundo e de deus a partir delas. Encerra-se com a ideia de que seja o poético a proposta para um novo refletir que, por sua vez, permite um novo habitar.

Palavras-chaves: Medida; Poético; Racionalidade; Heidegger; Hölderlin

Abstract

The paper proposes, in a general way, to think about the way in which man's relationship with reality (things and god) takes place, based on the heideggerian reflection. Specifically, the text seeks to present a relation of contrast between two ways of speaking about the world: scientific and poetic. The central goal is to see the importance of the poetic so that man rethinks his way of being in the world. To reach the goal, the way forward is to understand Heidegger's option for Hölderlin and his poetry. In the choice of an excerpt of poetry *In lieblicher Bläue*, it takes the concept that will be the basis for reflection: the measure. Scientific and poetic measures are thought about, trying to verify how the world and god appear from them. It closes with the idea that the poetic is the proposal for a new reflection which, in turn, allows a new inhabit.

Keywords: Measure; Poetics; Rationality; Heidegger; Hölderlin.

INTRODUÇÃO

A relação entre o ser humano e a divindade foi pensada de diferentes maneiras ao longo do tempo, de acordo com o desenvolvimento dos grupos humanos e, com eles, da própria consciência. As maneiras segundo as quais o ser humano entrou em contato com o mundo ao seu redor foi sendo alterada a partir do que era conquistado por um tipo específico de raciocínio, a saber, a razão científica. A desmistificação do mundo ocorreu e, com ela, os deuses foram destituídos de muito do que lhes era atribuído – a divindade deixou de servir como medida para entendimento e explicação do mundo. Ao longo do citado desenvolvimento, foram atribuídas ao mundo características propriamente humanas, a partir das quais tudo poderia ser compreendido. Tal fato pode ser entendido como a imposição da medida humana sobre o mundo.

Muda o olhar, muda a concepção de mundo. Com isso, foi alterada a relação com a divindade, já que, em muitos aspectos, ela era reconhecida na percepção do inominável da experiência com a realidade. O contato com o inominável e indizível resiste, talvez, no falar de alguns poetas, que transgridem a linguagem pela consciência que têm da insuficiência da palavra racional. O desenvolvimento da razão levou o homem a crer que seria possível dizer de tudo, mas há poetas que mostram o contrário.

Neste texto, busca-se pensar a medida humana, a partir das ideias de Martin Heidegger (1889-1976), que refletiu, de modo singular, sobre a poesia de Friedrich Hölderlin (1770-1843). A discussão que aqui se apresenta trabalhará, diretamente, junto aos textos selecionados, em atividade de análise e interpretação, na tentativa de ressaltar os elementos que se mostram como fundamento para afirmar que Heidegger entende a poesia (postura poética) como a maneira pela qual o homem pode habitar com sentido e fazer seu mundo, deixando tal mundo aparecer como revelação do ser – nisso, o próprio deus pode aparecer de um modo que não o da argumentação racional.

Textos diversos são trazidos para auxiliar no encaminhamento dos conceitos, bem como na construção do quadro geral no qual as ideias mais bem podem ser compreendidas – tal quadro se dá no âmbito do segundo momento reflexivo de Heidegger, depois da viragem (*Kehre*). Neste sentido, é importante indicar que, ainda que permaneça uma mesma direção no pensamento, na busca pela manifestação do ser, Heidegger desloca o

ponto de apoio: enquanto o primeiro momento punha o homem (*Dasein*) como caminho para o entendimento do ser, o segundo momento se volta para a questão da linguagem.

O MEDIR, A RAZÃO E A POESIA

Conhecimento, controle e dominação caminham juntos no fazer da ciência. O ser humano, em última instância, reflete e desenvolve pesquisas com a finalidade de conhecer puramente a realidade; mas, acima de tudo, há o desejo de fazer do mundo simplesmente o 'mundo humano'. Para tanto, as coisas devem estar adequadas àquilo que se objetiva construir: tudo deve obedecer aos ditames da razão que se instrumentaliza por meio da técnica – as ferramentas de intervenção são cada vez mais poderosas e eficazes. Ainda por conta do que se conquista com a tecnologia, em muitos sentidos, o desejo puro de desenvolver cada vez mais os aparatos tecnológicos sobressaem ante a realização humana.

Para os citados controle e dominação, foram estabelecidas diversas medidas, de acordo com os diferentes âmbitos do conhecer e da atuação humanos; o que subjaz a toda medida é o entendimento do que seja propriamente a mensuração. Sem medida, um juiz não julga, um biólogo não cataloga e um médico não cura; vale reforçar que os mesmos atos de julgar, catalogar e curar ocorrem, também, para o ser humano comum, porém sob outros padrões. Isto nos permite pensar a ciência como um 'senso comum refinado'.

Ao medir, o ser humano classifica, sempre tomando por base a determinação de um padrão de comparação. A classificação cria a sensação (ilusão) de segurança, por poder estar em uma realidade que se torna conhecida dentro dos parâmetros entendidos como sendo os adequados. Mas a medida estabelecida está, ainda, dentro do âmbito da racionalidade tradicional, entendendo haver nas coisas, apenas o que é mensurável. Dizendo de outro modo, o ser humano deixa de lado aquilo que não se enquadra em seus parâmetros racionais de entendimento; é como se houvesse uma inadequação na própria realidade, e não na capacidade humana.

Com Heidegger, pode-se entender haver 'algo além', considerando pretensiosa (talvez, ingênua) a concepção de que o todo do real estaria dado à racionalidade – esta, que tem na ciência seu máximo desenvolvimento. Mas a realidade se mostra nova a cada

instante – os entes se mostram e a existência parece assumir novas faces. Isto ocorre não por possível deficiência da capacidade de conhecer, mas pelo próprio ser, como o que se dá e se retrai no aparecer dos entes. A questão do ser é o que sustenta o pensamento heideggeriano – questão esta que deve ser reposta, como já indicado nos parágrafos 1 a 8, da *Introdução* de *Ser e tempo* (Cf. HEIDEGGER, 2012).

O ser humano mede aquilo que ele mesmo define como mensurável. Mas, ao ser posta a questão do ser, é necessário que o padrão de racionalidade seja revisto e, assim, a própria medida acaba questionada. A proposta de Heidegger é a de que tenha espaço um pensar meditativo (*Besinnung*), que abranja o 'algo além' da experiência da razão (pensar calculativo) – seria a possibilidade de ser pensado aquilo que está fora da medida. Dizendo de modo mais desafiador, perguntar-se-ia: é possível medir o incomensurável da razão?

Heidegger entende que sim, interpretando Hölderlin: de modo singular, a poesia se revela como o caminho para que o ser humano meça o incomensurável. Na verdade, o poema mostra a linguagem em uma expressão que não simplesmente traduz uma experiência racional, mas abre o ser humano para a experiência das coisas em seu fugir (retirada do ser). "Para captar o 'incaptável' [*Abgrund*] faz-se necessário, (...) o dizer poético, que sempre está acima do dizer dos mortais comuns". (WERLE, 2005, p.41) Já se pode antever que o poeta assume destaque, pois é o responsável pelo cuidado do dizer que não é o dos mortais comuns.

Por que a linguagem poética é caminho? Por diferir essencialmente do que são as linguagens comum e científica (estas duas não são igualadas; ocorre que a linguagem comum, em grande medida, segue o que é proposto – ou imposto – pela científica). Tendo como fundamento a racionalidade em sua concepção tradicional, a linguagem científica não expressa algo diferente do cálculo da realidade. Enquanto a ciência buscaria adequar a realidade à sua linguagem, seria característica da poesia a apresentação de uma linguagem "aberta", que conseguiria abarcar a realidade em suas manifestações. A linguagem poética se entrega para que a linguagem do próprio ser vigore.

A linguagem do ser é o incomensurável, já que o ser é o que escapa, que se dá e se retrai. A poesia é um medir, mas que não encerra o medido em um espaço determinado;

ela mede, mas de outra maneira. Em tal problemática, a opção por Hölderlin se mostra, não como uma escolha aleatória, uma possibilidade entre quaisquer outras, mas uma escolha específica e direta – na introdução da obra *Hinos de Hölderlin*, Heidegger fala de tal opção. O pensador não elege um poeta para assumir uma poesia sobre a qual falar, pois um poema já diz o que tem a dizer, e um trabalho de pura interpretação do texto poético é desnecessário e "só perturba o 'prazer estético'". (HEIDEGGER, 2004, p.12) O que o autor pretende alcançar é uma reflexão que toque a poesia não apenas como texto poético, mas como postura diante do mundo. Para tanto, Heidegger intenta conhecer a experiência que o poeta tem de mundo, proporcionada pela essência da poesia. Também é clara a intenção do pensador em resgatar um poeta que não teria sido devidamente reconhecido em seu tempo e cuja poesia, tendo alcançado a *Revelação do Ser* (HEIDEGGER, 2004, pp.13-14), permitiria um confronto pensante com o próprio ser.

Em Hölderlin, o "poeta do poeta" (Cf. HEIDEGGER, 2013, p.44), Heidegger encontra o poetar sobre a poesia e sobre o próprio poetar; ele busca compreender, então, "a própria poesia e o ser-aí poético do poeta nela e para ela". (HEIDEGGER, 2004, p.14) Considerando-se a experiência poética como certo 'modo de receber', a poesia de Hölderlin recebe, segundo Heidegger, o poetar do poeta; dizendo de outra maneira, é a postura poética diante do ato de poetar. Tal poetar é uma postura diante do mundo que se dá; Hölderlin recebe, poeticamente, tal postura. Trata-se de pensar por meio da poesia, e não do conceito. Esta experiência de pensamento abre as portas para a essência da poesia, cujos elementos foram desenvolvidos pontualmente tanto em *Hinos de Hölderlin*, de 1934/35, quanto em *Hölderlin e a essência da poesia*, de 1937.[1]

NO AZUL SERENO...

Para refletir sobre o tema da medida, é tomado o poema *No azul sereno...*[2] (*In*

[1] Heidegger chama tais elementos de 'sentenças orientadoras'; ele desenvolve a reflexão sobre elas, de modo a fazer aparecer a essência da própria poesia; não sendo o objeto central deste texto, são apenas citadas aqui: "1. Poematizar: 'A mais inocente de todas as ocupações'. (III, 377) / 2. 'E por isso lhe foi dado [...] o mais perigoso dos bens, a língua, para que ele [...] dê testemunho do que é [...]' (IV, 246) / 3. 'Muito aprendeu o homem./ dos Celestiais muitos nomeou,/ desde que somos um colóquio/ e podemos ouvir um dos outros.' (IV, 343) / 4. 'Mas o que fica, os poetas o fundam.' (IV, 63) / 5. 'Cheio de mérito, contudo poeticamente habita o homem esta Terra' (VI,25)" (HEIDEGGER, 2013, p.43)

[2] *Cf.* M. HEIDEGGER, 2001d, pp.254-259. O texto é apresentado de forma bilíngue e, não considerando a questão de que uma tradução é já interpretação do tradutor, é importante indicar haver erros crassos na reprodução do texto em alemão – para a temática deste artigo, o mais significativo foi a supressão de um

lieblicher Bläue) – de modo especial, os versos:

> Tanto mais simples as imagens, mais
> divinas, a ponto de muitas vezes
> realmente se temer descrevê-las. Os celestiais, porém,
> que são sempre bondade, tudo ao mesmo tempo, como reinos,
> possuem essa virtude e alegria. Isso o homem
> deve imitar.
> Deve um homem, no esforço mais sincero que é a vida,
> levantar os olhos e dizer: assim
> quero ser também? Sim. Enquanto perdurar junto ao coração
> a amizade, Pura, o homem pode medir-se
> sem infelicidade com o divino. É deus desconhecido?
> Ele aparece como céu? Acredito mais
> que seja assim. É a medida dos homens.
> Cheio de méritos, mas poeticamente
> o homem habita esta terra. Mais puro, porém,
> do que a sombra da noite com as estrelas,
> se assim posso dizer, é
> o homem, esse que se chama imagem do divino.
> Existe sobre a terra uma medida? Não há
> nenhuma. É que os mundos do criador jamais
> inibem o curso do trovão. (HEIDEGGER, 2001d, pp.255-257)

No trecho, o poeta fala diretamente sobre a medida, e a pergunta que fazemos é se há ou não uma medida sobre a terra. Há indicações claramente diversas, pois é dito que "o homem pode medir-se" e "[é] a medida dos homens"; mas, adiante, temos que "[n]ão há nenhuma [medida]". Na reflexão, algumas ideias se nos apresentam de modo mais incisivo, sobre 1) o simples, como expressão do divino (o ser humano dele pode falar enquanto pureza), 2) o descrever, como medir (há temor em descrever o simples), 3) o ser humano, como aquele que deve imitar (medir-se com o divino), 4) o divino, que aparece como céu (eis a medida) e 5) a não existência de medida sobre a terra.

O simples é característica do divino. O que se apresenta é a ideia de que o divino, por ser simples, é justamente aquilo que se dá ao ser humano sem exigir instrumentos racionais que lhe permitam ser conhecido. Na verdade, a exigência é contrária: é preciso se desfazer dos instrumentos racionais para que o simples possa se mostrar no que é, sem classificação. Significa saber daquilo que se dá, por primeiro, na experiência do mundo, mas que o ser humano não consegue 'enxergar' com filtros.

pequeno trecho, especificamente o que fala do imitar: onde se lê "*Der Mensch / Aufschauen, und sagen: so / Will ich auch seyn?*" deveria constar "*Der Mensch* ***darf das nachahmen / Darf, wenn lauter Mühe das Leben, ein*** *Mensch / Aufschauen, und sagen: so / Will ich auch seyn?*".

Na percepção do simples que se dá, a ação de traduzir tal experiência (descrever) não é trivial, pois, considerando-se ter a razão dado espaço para o aparecer, ela agora é retomada para transmitir o vivenciado. Descrever é um medir que toma as palavras em determinada concepção; a ciência, por exemplo, é a tradução/descrição do mundo, pretendendo ser a máxima expressão da razão e, assim, da verdade. A tentativa de tradução do divino (cuja expressão é o simples) para a linguagem racional-demonstrativa poderia resultar, contrariamente, em seu desvio. Aqui se fala da experiência racional do ser humano de maneira ampla e geral, o que acaba por abarcar o discurso que vem do próprio âmbito teológico-religioso.

Há temor em descrever o simples – e por quê? Simplesmente por não haver certeza de que se consiga abarcar o vivenciado de um modo total, no que ele é; a questão não é sobre possibilidade/impossibilidade de descrever, mas sim sobre certeza/incerteza. A impossibilidade seria já uma certeza; mas o que causa temor é a incerteza do que se pode alcançar na descrição. De certo modo, é arriscar fazer o simples perder sua simplicidade.

O simples, que é próprio do divino, mostra-se como o que deve ser imitado[3]. O texto diz que "[i]sso o homem deve imitar" (*darf das nachahmen*). O ser humano deve querer ser como os celestiais, medir-se com os divinos. Imitar é tomar uma medida, mas, neste caso, não com o que é próprio do ser humano, mas com aquilo que é dos celestiais (pureza, simplicidade, bondade e alegria) – as imagens são mais divinas (*heilig*) quanto mais simples (*einfältig*) forem. O ser humano, que se enxerga num espaço aberto entre céu e terra, entre sua realidade mortal e os divinos, deve (*darf*) desejar tais características (o texto indica: "assim quero ser também"). Imitar é tomar a abertura do céu como medida; os celestiais não restringem nem são restringidos; não podem ser descritos, para não se correr o perigo da perda.

O pleno de simplicidade – o divino, em sua essência – aparece como céu, e a medida do ser humano deve vir dele. O poema indica que o céu faz com que o oculto se

[3] "Imitar" tem um correspondente alemão de origem latina: *imitieren*; porém, tem-se no poema o verbo *nachahmen* que, etimologicamente, indica de modo mais direto a ligação que tem com o ato de mensurar: *ahmen* vem de *āmen* que, por sua vez, é *ausmessen* (mensurar) e o prefixo *nach* dá a ideia de "aproximar-se" ou "ir em direção a..."; disso, tem-se que *nachahmen* (imitar) está no sentido de *nachmessen* (medir). (DUDEN. **Das Herkunftswörterbuch**. 5. Auflage. Berlin: Duden, 2014. [B. 7])

mostre, o ausente se torne presente e o negativo, positivo. Heidegger (2001c, p.174) diz:

> O que é a medida para o medir constitutivo do homem? Deus? Não! O céu? Não! O aparecer do céu? Não! A medida consiste no modo em que o deus que se mantém desconhecido aparece *como tal* através do céu. O aparecer de deus através do céu consiste num desocultamento que deixa ver o que se encobre [...,] no sentido de resguardar o que se encobre em seu encobrir-se.

Mensurar significa perceber que deus se mostra como céu, mesmo não sendo o céu. O céu revela a presença daquilo que está em ocultamento; porém, 'revelar a presença' não significa, ainda, desnudar – deus não está desnudo (ou poderíamos dizer transparente), mas está lá. A medida é saber deixar o velado em seu velamento, porém com a indicação, o traço ou o rastro de que ele está lá. Para o pensamento comum do ser humano, 'medir' deveria ser entendido como 'delimitar'; mas, agora, o medir aparece como uma abertura, ao invés de delimitação. Estabelecer a medida (e, a partir dela, a mensuração do mundo) relaciona-se à concessão de uma liberdade para que o mundo se mostre no que é. Aparece, assim, a oposição com a medida científica, pois o poético não desnuda, mas indica a presença do deus que está lá. Desnudar deus por meio do falar conceitual é fazer com que ele seja igualado ao humano, na tentativa de abarcá-lo de modo completo. Neste aspecto, as frustradas tentativas do falar racional dos mortais, ao longo do tempo, é que levam à constatação, por exemplo, do deus que é morto (Nietzsche) ou dos deuses fugidos (Heidegger). O ser humano perde, na tentativa de fechar seu objeto no conceito.

Pelo exposto, chega-se à ideia de que não há medida sobre a terra. A medida pode ser encontrada pelo céu que remete para deus, que, por sua vez, está oculto. Quando o ser humano se volta apenas para esta terra – seu mundo – o que se dá é a tentativa de cercear o aparecer das coisas para que cumpram apenas o que lhes for permitido pelo desejo dele. Sobre esta terra, não há medida, pois, a ciência – que se propõe como o medir verdadeiro e, assim, caminho para a verdade – é um medir do ser humano para si próprio.

É importante a indicação de que não há uma condenação da ciência e de seu modo de receber os entes, como se ela fosse entendida como um ente dotado de razão. A ciência é um dos modos do ser humano estar junto aos entes – um estar que, na primeira reflexão heideggeriana, em *Ser e tempo*, dá-se como *preocupação* (HEIDEGGER, 2012, §41). A preocupação é marcada por um querer (genuíno) que leva à realização do ente; porém, tal

querer pode decair em um *mero desejar* – situação na qual o ser humano se perde no ente como possibilidade de constante disponibilidade. Isto constituirá o centro da crítica de Heidegger, já no segundo momento da reflexão do pensador, ao falar do mero desejo de exploração e armazenamento. (Cf. HEIDEGGER, 2001a, p.20) A situação se torna problema pelo ser humano entender o raciocínio tecnocientífico como o único capaz de dizer a verdade do mundo. "A técnica é uma forma de desencobrimento. [...] Trata-se do âmbito do desencobrimento, isto é, da verdade". (HEIDEGGER, 2001a, p.17) Neste modo de fazer aparecer o ente, o autor chega a afirmar o não pensamento da ciência (Cf. HEIDEGGER, 2001b, p.115) – ela não pensa o sentido, ao modo dos pensadores –, restando apenas o cálculo, que restringe o ente a uma determinada possibilidade dada pela razão.

Por meio da linguagem racional, que tem a ciência como máxima expressão, o mundo não pode ser descoberto no que mostra de si, em seu dar-se. Tal linguagem forja o aparecer do mundo e este passa a ser um reflexo, a imagem do ser humano que volta para si. Enquanto a medida tomada do céu é a possibilidade de que o ser humano faça as coisas aparecerem, a ciência é a medida tomada do ser humano, fazendo com que as coisas o imitem (no sentido de *nachahmen*, o científico tenta fazer com que o mundo vá em direção – *nach* – ao ser humano, tomando este como medida – *ahmen*).

Os méritos alcançados pelo ser humano em seu fazer mundo não lhe dão a possibilidade de tomar a medida do céu, pois, já que a ciência é medida humana. A pergunta que aqui se faz é sobre como poderia o ser humano tomar a medida fora – ou além – daquilo que é seu limite de mensuração. Porém, o poeta já indica o caminho e Heidegger se debruça sobre ele: apenas poeticamente é possível alcançar a medida, permitindo a habitação nesta terra[4].

A medida dada pelo poético (o 'entre' que se abre *sobre* a terra e *sob* o céu) se mostra estranha ao pensar da ciência; afirma Heidegger (2001c, p.174):

[4] A terra é o que sustenta o mundo humano em suas possibilidades. A terra não se dá como transparência, mas como aquilo que se guarda em seu segredo; trata-se de possibilidade em potência. A terra abriga o desconhecido e, por meio do pensar racional científico, o ser humano busca esgotá-la. 'Habitar a terra' é tomar parte de algo 'além' do mundo. Costa (2014, p.119) indica que ambos, mundo e terra, "se relacionam por uma disputa", entre o aberto e o abrigo; tal "disputa é a intimidade do co-pertencer dos combatentes". (HEIDEGGER, *A origem da obra de arte*. Apud. COSTA, 2014, p.146)

> Uma medida estranha para o modo de representação comum e, em particular, para a representação estritamente científica. Uma medida que, de qualquer maneira, não constitui um padrão ou bastão facilmente manipulável. É, no entanto, uma medida mais simples de se manejar, ao menos quando nossas mãos não querem manipular, mas apenas se deixar guiar por gestos que correspondem à medida que aqui se deve tomar. Isso acontece num tomar que nunca extrai de si a medida, mas que a toma num levar em conta integrador, esse que permanece um escuta.

É estranha e parece um não medir por ser menos objetiva e manipulável. Estas palavras de Heidegger indicam que a medida assumida pelo poético, na verdade, por sua não fixidez, está mais pronta para acompanhar o mostrar-se dos entes, no jogo de revelação-encobrimento. É medida mais simples, porém não mais fácil de manipulação; neste sentido, a ação do ser humano, ao invés de um fazer, é escuta. Por sua vez, escutar não é atitude passiva diante do que se dá, mas espera ativa.

A POESIA E O HABITAR

O habitar poético, ao invés de arrancar o ser humano da terra, na verdade lança tal ente nela – 'nesta' terra. Heidegger diz que a poesia "não sobrevoa e nem se eleva sobre a terra a fim de abandoná-la e pairar sobre ela. É a poesia que traz o homem para a terra, para ela, e assim o traz para um habitar". (HEIDEGGER, 2001c, p.169) De que modo pode ser pensado o dar-se do ente, então, para que somente o poético faça o ser humano, verdadeira e genuinamente, 'criar raízes' nesta terra? O poético, mais que falar do mundo, propõe uma escuta daquilo que é a linguagem do ser[5]; é o próprio receber o mundo naquilo que ele se mostra e entender-se (o ser humano) como parte de uma mesma realidade – o fato de ser ente. O poético pode ser entendido como "a revelação primordial do significado"; (FOLTZ, 2000, p.190) é na construção do sentido que o ser humano consegue habitar. (Cf. HEIDEGGER, 2001c, p.169) A indicação é a de que o ser humano apenas teria condições de assumir seu lugar, seu espaço 'entre', e habitar genuinamente junto aos entes, quando deixasse de determinar a medida do aparecer dos entes e, ao invés,

[5] *Sobre o humanismo* é um dos marcos da viragem (*Kehre*) heideggeriana, quando o tema da linguagem não é de segunda ordem, a partir do estudo do *Dasein*, mas assume o centro do entendimento da revelação do ser. O autor indica que "no pensamento, o Ser se torna linguagem. A linguagem é a casa do Ser. Em sua habitação mora o homem. Os pensadores e poetas lhe servem de vigias". (HEIDEGGER, Martin. **Sobre o humanismo**, Introdução, tradução e notas: Emmanuel Carneiro Leão. 3ªed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2009. [pp.24-25])
Poetas passam a estar junto dos pensadores, ambos tendo um mesmo papel e uma mesma responsabilidade: vigiar. O ato de vigiar pode ser entendido como a espera ativa diante da realidade (mundo, entes, deus), por meio da qual se dá a manifestação do ser.

estabelecesse um pensar do sentido, meditativo (*Besinnung*).

O mundo da poesia é singular: é o mundo entre seres humanos e deuses; é o mundo do lançar-se do ser humano; é o mundo do projetar-se. No tempo da vida humana, o mundo instaurado pelo poeta é aquele que permite ao ser humano um modo de estar na finitude, sem cair no desespero diante do deixar de ser. Isto porque, talvez, o poético seja o que verdadeiramente sustenta o próprio habitar. (Cf. HEIDEGGER, 2001c, p.166) O mundo do poeta não é a poesia, mas aquilo que a poesia mostra, instaura. Esta ideia alarga a noção que se tem de poesia, que muitas vezes é recebida apenas como texto poético e classificada como literatura. O texto poético não é a poesia em si, mas o registro de uma vivência que é poética.

Ser humano é ser mortal. Segundo Heidegger, o ser humano apenas se reconhece como tal a partir do momento em que se enxerga como habitante *desta* terra, medindo a si próprio diante dos deuses. É no espaço entre divinos e mortais que se dá o habitar, nesta terra que está *entre*. "O divino é a 'medida' com a qual o homem confere medida ao seu habitar"; (HEIDEGGER, 2001c, p.172) e este mesmo ser humano pode até deturpar tal modo de medir, porém nunca pode se furtar a ele, pois é este 'entre' que sustenta o habitar – é medida 'estranha, perturbadora e desconfortável' para o viver cotidiano. O poético significa estabelecer este 'lugar' de morada dos mortais.

> Na poesia, acontece com propriedade a tomada de uma medida. No sentido rigoroso da palavra, poesia é uma tomada de medida, somente pela qual o homem recebe a medida para a vastidão de sua essência. O homem se essencializa como o mortal. Assim se chama porque pode morrer. Poder morrer significa: ser capaz da morte como morte. Somente o homem morre – e, na verdade, continuamente, enquanto se demora sobre esta terra, enquanto habita. Seu habitar se sustenta, porém, no poético. (HEIDEGGER, 2001c, p.173)

É no espaço aberto pela poesia que o ser humano pode estabelecer contato de modo genuíno com seu *Dasein*. Significa habitar humanamente: o ser humano percebe seu existir como travessia, que o leva para uma plenificação como mortal. O outro do humano é o divino, o celestial, e o medir é justamente o colocar-se diante da realidade não como quem dita, mas como quem recebe o que é ditado; esta é 'a' experiência singular e originária, e

> quem leva adiante essa experimentação original do mundo e produz uma linguagem originária, é o poeta. As formas de expressão são múltiplas, os estilos mudam no tempo

> histórico e no espaço cultural, as teorias de interpretação seguem as modas, mas o fenômeno do *poetar-pensante* é um fenômeno que acontece no processo de criação artística. Onde há arte no sentido de um fazer criativo, acontece a linguagem poética, enquanto linguagem hermenêutica. Linguagem que ao mesmo tempo capta, presentifica numa imagem, numa forma, numa palavra, a mensagem. (HÜHNE, 1994, p.80)

O poetar é o fazer a palavra se libertar da medida humana, ao ponto de conseguir alcançar a medida do céu – o pensador afirmou que, na poesia, "acontece com propriedade o que todo medir é no fundo de sua essência"; (HEIDEGGER, 2001c, p.173) é tomada de medida (*ausmessen*) que nos leva a *nachahmen*. A poesia, enquanto medida, é imitação – ou abertura para uma imitação. No poetar, o ser humano pode se abrir para uma nova relação com o mundo e, então, habitar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O existir humano plasmou no mundo a imagem que tal ente fez de si mesmo. Neste sentido, não é o mundo que o ser humano habita, mas a si próprio, no mundo. Trata-se de um movimento que retorna sempre para o ente que se discursa como habitante, mas que, na verdade, perdeu propriamente o sentido do que seja o próprio habitar. Habitar é fincar raízes e tomar parte no existir. Mas, no uso da razão, o ser humano perdeu o sentido de seu estar na terra, no chão. Tudo o que sabe fazer é mensurar, na tentativa de satisfação das necessidades que ele mesmo cria.

Em tal contexto, exclui-se tudo o que não pode ser abarcado pela razão; inclusive o divino. A tentativa de construção de um discurso demonstrativo sobre deus é caminho que se desvia do próprio deus. A medida não serve, mas o ser humano se prende às conquistas, entendendo-as como sinal de que a razão (ciência) tudo pode.

> Se queremos compreender a natureza na sua primordialidade, o nosso pensamento tem que começar com o encontro poético da natureza. Concretamente, pensar – ao contrário da ciência – deve sempre proceder de uma habitação que repouse sobre a terra que está sob os céus, de uma habitação que seja autenticamente poética. (FOLTZ, 2000, p.103)

A reflexão de Heidegger propõe uma tomada de medida que abre a possibilidade de que o mundo seja considerado de modo mais 'completo' trata-se de completude apenas de certo modo, pois a reflexão sobre o poético é a abertura do pensamento, e não seu fechamento no objeto (realidade).

O poético permite a habitação ao ser humano, na consideração das coisas que se mostram e, mesmo assim, escondem-se, mas nem por isso deixam de ser consideráveis. A medida do céu permite que deus permaneça em seu ocultamento; tal medida não o demonstra, mas também não o desvia, permitindo que ele continue presente, ainda que ocultado.

Na poesia acontece a tomada de medida do céu; no poético, o ser humano habita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Solange. *Arte & verdade*: *poesia e verdade em Hölderlin e Heidegger*. Teresópolis: Daimon, 2014.

FOLTZ, Bruce V. *Habitar a terra*; Heidegger, ética ambiental e a metafísica da natureza. Trad.: Jorge Seixas e Sousa. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. In: _____. *Ensaios e conferências*. Trad.: Emmanuel Carneiro Leão; Gilvan Fogel; Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2001.a

_____. O que quer dizer pensar?. In: _____. *Ensaios e conferências*. Trad.: Emmanuel Carneiro Leão; Gilvan Fogel; Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2001.b

_____. "...poeticamente o homem habita...". In: _____. *Ensaios e conferências*. Trad.: Emmanuel Carneiro Leão; Gilvan Fogel; Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2001.c

_____. *Explicações da poesia de Hölderlin*. Trad.: Cláudia Pelegrini Drucker. Brasília: Ed. UnB, 2013.

_____. *Hinos de Hölderlin*. Trad.: Lumir Nahodil. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

_____. *Ser e tempo*. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas: Fausto Castilho. Campinas: Unicamp, Petrópolis: Vozes, 2012. [edição bilíngue]

HÖLDERLIN, Friedrich. No azul sereno... In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaios e conferências*. Trad.: Emmanuel Carneiro Leão; Gilvan Fogel; Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2001.d [Anexo]

HÜHNE, Leda Miranda (org.). *O poetar pensante*. Rio de Janeiro: Uapê, 1994.

WERLE, Marco Aurélio. *Poesia e pensamento em Hölderlin e Heidegger*. São Paulo: Unesp, 2005.